FRONTEIRAS
REVISTA DE HISTÓRIA
OPEN ACCESS
PPGH Programa de Pós-Graduação em História
DOI: https://doi.org/10.30612/frh.v27i50.21263

Mantendo tradições vivas: mulheres indígenas e quilombolas preservando o passado e formando o futuro

Resenha da obra:

Beltrão, Jane; Machado, Almires; Benatti, José Heder (Orgs.). Ancestralidade e tradição: a hora e a vez de mulheres indígenas e quilombolas. Rio de Janeiro: Mórula, 2025.

Tallyta Suenny Araújo da Silva
Universidade Federal do Pará - UFPA
tallytasuenny@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5430-6230

O livro *Ancestralidade e Tradição: a Hora e a Vez de Mulheres Indígenas e Quilombolas*, organizado por Jane Beltrão, Almires Machado e José Heder Benatti, já anuncia em seu título a relevância de sua proposta editorial. A obra busca evidenciar trajetórias e experiências de mulheres pertencentes a povos indígenas e comunidades quilombolas, grupos que historicamente foram invisibilizados tanto por razões de gênero quanto por pertencimento étnico-racial. Nesse contexto, o livro apresenta relatos biográficos de lideranças femininas cuja atuação tem sido decisiva para a preservação de tradições, saberes e formas de organização social que sustentam os fundamentos ancestrais dessas comunidades.

No prefácio, os organizadores destacam o papel das mulheres indígenas e quilombolas como importantes agentes de resistência frente às injustiças históricas dirigidas aos povos originários e às populações afrodescendentes no continente americano. Ao longo de suas existências, essas mulheres mantêm viva uma luta contínua contra práticas racistas e desrespeitosas herdadas do processo colonial. Trata-se de um movimento permanente de mobilização coletiva destinado a proteger direitos conquistados por meio de embates constantes e cotidianos, nos quais inúmeras mulheres assumem papel de destaque (Beltrão, Machado & Benatti, 2025).

Analisando a obra, Antonio Maués chama atenção para a importância de registrar e compartilhar as múltiplas histórias que garantem a continuidade dos coletivos tradicionais. Ao mencionar as interlocutoras do livro — Sofia Lima dos Santos, Kunhã Rendyju, Maria Raimunda Bitor, Kátia Tônkyre, Marilaque Rodrigues Cabral, Bella Pinheiro e Maria Auxiliadora Maciel dos Santos — ressalta-se que seus nomes não representam apenas trajetórias individuais. Ao contrário, por meio dos relatos dessas mulheres torna-se possível acessar experiências coletivas de povos e comunidades que persistem em afirmar seus modos de vida, mesmo diante das dificuldades e desafios que enfrentam diariamente (Maués, 2025, p. orelha).

A publicação também se insere em um projeto político e pedagógico mais amplo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Pará (PPGD/UFPA). Ao longo de duas décadas, o programa consolidou-se como referência nacional na produção acadêmica sobre Direitos Humanos, destacando-se por seu compromisso com a inclusão, a diversidade e a transformação social. Situado

BY NC SA

no contexto amazônico, o PPGD parte do entendimento de que a excelência acadêmica não se limita à qualidade da produção científica ou ao alcance internacional das pesquisas, mas envolve igualmente a democratização do acesso ao ensino superior e a valorização dos saberes produzidos por sujeitos historicamente excluídos da pós-graduação (Magalhães, 2025).

Dialogando com essa perspectiva institucional, o reitor da UFPA, Gilmar Pereira da Silva, enfatiza na quarta capa da obra a força das narrativas apresentadas no livro. Para ele, trata-se de um conjunto de vozes femininas potentes que chegam à universidade impulsionadas pelas políticas de ação afirmativa e que reconhecem, ao mesmo tempo, a importância das lideranças que durante séculos lutaram pela afirmação de direitos étnicos e racialmente diferenciados. Essas mulheres, afirma o reitor, são fundamentais para seus coletivos e produzem histórias capazes de inspirar a construção de sociedades mais plurais.

Cada capítulo do livro, portanto, constitui um convite à reflexão sobre as trajetórias dessas lideranças, apresentadas por meio da escrita de companheiros e companheiras de luta que, a partir de diálogos intencionais, buscam registrar suas memórias e experiências. Ao narrar suas histórias, essas mulheres revelam percursos de resistência cotidiana em defesa de direitos territoriais, culturais e identitários (Beltrão, Machado & Benatti, 2025).

A obra reúne sete narrativas biográficas, das quais duas correspondem a lideranças indígenas e cinco a lideranças quilombolas. As protagonistas vivem em diferentes regiões do país — Maranhão, Mato Grosso do Sul e diversas localidades do estado do Pará —, mas suas trajetórias encontram pontos de convergência que atravessam territórios e histórias. Ao entrelaçar memórias, experiências e tradições, os relatos revelam a complexa rede de relações que sustenta a vida coletiva desses povos.

Um dos aspectos que mais se destacam nas narrativas é a centralidade do território. Nos diferentes capítulos, a terra aparece não apenas como espaço geográfico, mas como elemento constitutivo da existência social, cultural e espiritual das comunidades. Esse aspecto torna-se evidente tanto nas experiências de retomada territorial conduzidas por Kunhã Rendyju quanto na luta por reparação e

BY NC SA

reconhecimento enfrentada por Kátia Tônkyre após a remoção compulsória provocada pela construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. De modo semelhante, as lideranças quilombolas — Tia Sofia, Bitor, Marilaque, Bella e Maria Auxiliadora — atuam na defesa da permanência e consolidação de seus territórios. Em todos os casos, o território é apresentado como memória viva e fundamento da continuidade cultural, de modo que sua perda representa também a ruptura de vínculos históricos e identitários.

Outro elemento recorrente nas narrativas é a articulação entre cuidado, educação e organização política. Atividades frequentemente associadas à esfera doméstica — como o cultivo da terra, a transmissão de saberes, a cura por meio de ervas e práticas espirituais — assumem, nesses contextos, um significado profundamente político. O cuidado torna-se estratégia de resistência coletiva e elemento central na manutenção da vida comunitária. Além disso, algumas lideranças assumem funções tradicionalmente associadas aos homens, como ocorre com Kunhã Rendyju, reconhecida como nhãndesy, e com Kátia Tônkyre, que exerce o papel de cacica. Essas experiências desafiam leituras coloniais que historicamente vincularam a autoridade política à figura masculina.

Apesar das especificidades de cada trajetória, as histórias apresentadas no livro revelam dificuldades estruturais semelhantes. Racismo, colonialidade, desigualdade social e precariedade das políticas públicas constituem desafios compartilhados por essas mulheres. Ainda assim, os relatos não as apresentam como figuras passivas diante das adversidades. Pelo contrário, as narrativas evidenciam a liderança feminina como eixo organizador da resistência coletiva.

No campo da educação, por exemplo, diversas dificuldades são mencionadas. No Quilombo Rio Genipaúba, Tia Sofia vivenciou a ausência de escolarização formal e a negligência estatal em relação à educação quilombola — realidade também enfrentada por Marilaque no Quilombo Araquembaua. Bella Pinheiro recorda que, no Quilombo Alto Itacuruçá, as primeiras experiências escolares ocorriam nas casas dos professores, que eram moradores da própria comunidade com baixa escolaridade. Situação semelhante é lembrada no Quilombo Caldeirão, onde durante muito tempo existiu apenas uma sala de aula e o ensino se

BY NC SA

limitava às primeiras séries do ensino fundamental. Já Kátia Tônkyre recorda as restrições impostas às mulheres indígenas que, no passado, eram impedidas de frequentar a escola.

Mesmo diante dessas limitações, as lideranças buscaram construir caminhos para ampliar o acesso à educação. Bella Pinheiro atua como professora em sua comunidade e participa de atividades formativas em diferentes territórios quilombolas e ribeirinhos. Entre os Akrãtikatêjê, a transmissão da história e da memória do povo Gavião passou a integrar os processos educativos desde o deslocamento forçado provocado pela construção da hidrelétrica.

Para além da educação escolar, essas mulheres também desempenham papel fundamental na preservação e transmissão dos saberes tradicionais. Tia Sofia, Bitor e Kunhã Rendyju são reconhecidas pelo domínio de práticas de cura baseadas no uso de ervas, rezas e conhecimentos espirituais. Essas práticas fortalecem não apenas a saúde comunitária, mas também a identidade coletiva e os vínculos culturais.

Embora cada trajetória possua características próprias, todas compartilham desafios comuns, como a insuficiência das políticas públicas, a demora no reconhecimento dos direitos territoriais e a sobrecarga de responsabilidades assumidas pelas lideranças femininas. Em muitos casos, essas mulheres enfrentam simultaneamente racismo estrutural, patriarcalismo e processos de desvalorização cultural.

Apesar dessas adversidades, suas histórias demonstram que a resistência não se limita à superação de dificuldades materiais. Trata-se, sobretudo, da afirmação permanente do direito de existir enquanto mulheres, lideranças e integrantes de povos historicamente marginalizados. Ao transformar adversidade em mobilização coletiva, essas mulheres convertem obstáculos estruturais em força política e espiritual.

Nesse sentido, suas trajetórias possuem também um forte caráter formador. Ao enfrentar desigualdades e defender direitos territoriais e culturais, essas lideranças tornam-se referências éticas e políticas para as gerações mais jovens. Nas comunidades indígenas e quilombolas, suas histórias funcionam como verdadeiras

BY NC SA

escolas de resistência, ensinando que identidade, território e ancestralidade são dimensões inseparáveis da vida coletiva.

As narrativas também evidenciam que tradição e futuro não constituem dimensões opostas. Como sugere Ailton Krenak ao falar de um "futuro ancestral", a continuidade cultural depende justamente da capacidade de atualizar os ensinamentos herdados em novos contextos históricos. Assim, a ancestralidade aparece nas narrativas como força política que orienta decisões presentes e sustenta projetos de futuro.

Por fim, as trajetórias apresentadas na obra oferecem importantes ensinamentos também para a sociedade não indígena e não quilombola. Ao questionarem concepções individualistas de direitos humanos e enfatizarem valores como coletividade, relação espiritual com a terra e respeito à diversidade cultural, essas mulheres contribuem para ampliar os horizontes de reflexão sobre democracia, justiça social e pluralidade epistemológica.

Referências

BELTRÃO, Jane; MACHADO, Almires; BENATTI, José Heder (Orgs.). *Ancestralidade e tradição: a hora e a vez de mulheres indígenas e quilombolas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2025.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.